



anarquismo e crime

benjamin tucker

O Sr. B. W. Ball escreveu um artigo no *Index* criticando o Anarquismo sem ter se familiarizado com os fundamentos dessa filosofia. Por esta razão segue a resposta:

O argumento central do Sr. Ball contra nós, dito em poucas palavras, é este: onde existe crime, deve existir força para reprimi-lo. Quem nega isto? Certamente não a *Liberty*: certamente não os anarquistas. O Anarquismo não é uma restauração da não-resistência, apesar de que pode haver partidários da não-resistência em suas fileiras. A direção do ataque do Sr. Ball implica que nós deixaríamos que o roubo, o estupro e o assassinato fizessem estragos na comunidade sem levantar um dedo para deter sua ação brutal e sangrenta. Pelo contrário, nós somos os mais severos inimigos da invasão de pessoas e propriedade, e, apesar de estarmos mais preocupados em destruir as causas disto, não temos nenhum escrúpulo em relação a um tratamento tão heroico de suas manifestações imedia-

Benjamin R. Tucker (1854–1939) foi um anarquista individualista nascido nos Estados Unidos. Editou o jornal Liberty entre 1881 e 1908, no qual publicou anarquistas europeus como Pierre-Joseph Proudhon e Mikhail Bakunin, além de textos de Bernard Shaw e Friedrich Nietzsche. Tucker foi o primeiro a traduzir para o inglês O único e sua propriedade, de Max Stirner.





tas, conforme mandam as circunstâncias e a sabedoria. É verdade que esperamos com ansiedade o desaparecimento definitivo da necessidade de força mesmo com o objetivo de reprimir o crime, mas isto, apesar de estar presente como um resultado necessário, não é em absoluto uma condição necessária para a abolição do Estado.

Ao nos opormos ao Estado, não negamos a proposta do Sr. Ball, mas sim a afirmamos e enfatizamos claramente. Travamos a guerra contra o Estado enquanto o principal invasor das pessoas e da propriedade, enquanto a causa de substancialmente todos os crimes e de toda a miséria que existe, sendo ele próprio o mais gigantesco crime existente. Ele fabrica criminosos muito mais rápido do que os pune. Ele existe para sustentar os privilégios que produzem o caos econômico e social. É o apoio único dos monopólios que concentram riqueza e instrução nas mãos de poucos e difunde pobreza e ignorância entre as massas, cujo aumento da desigualdade é diretamente proporcional ao aumento do crime. Ele protege uma minoria espoliando a maioria através de métodos demasiado sutis para serem entendidos pelas vítimas, e então pune estes membros desobedientes da maioria na tentativa de espoliar outros através de métodos bem simples e diretos que são reconhecidos pelo Estado como legítimos, coroando seus ultrajes ao induzir acadêmicos e filósofos como o Sr. Ball a defender, como uma desculpa por sua existência infame, a necessidade de reprimir o crime que ele constantemente cria.

O Sr. Ball – para a sua honra, que seja dito – durante os dias anti-escravatura, foi um firme abolicionista. Ele realmente desejava a abolição da escravatura. Sem dúvida ele se lembra quão frequentemente se lhe apresen-





tavam os argumentos de que a escravidão era necessária para manter os negros iletrados longe da possibilidade de causar problemas, e que não seria seguro dar a liberdade para uma tal massa de ignorância. Naqueles dias, o Sr. Ball enxergava através do sofisma de um raciocínio como tal, e sabia que aqueles que argumentavam aquilo o faziam para dar uma cor de justificativa moral a sua conduta de viver no luxo sobre o pesado trabalho imposto aos escravos. Provavelmente estava acostumado a responder-lhes algo como: “É a instituição da escravatura que mantém os negros na ignorância, e justificar a escravatura com base na ignorância é raciocinar em círculo e ser redundante”.

Hoje, o Sr. Ball – novamente para a sua honra, que seja dito – é um abolicionista da religião. Ele realmente deseja a abolição, ou pelo menos o desaparecimento, da Igreja. Quão frequentemente ele deve encontrar ou ouvir padres que, mesmo dispostos a admitir em privado que as doutrinas da Igreja são um monte de enganações, sustentam que a Igreja é necessária para manter em ordem as massas guiadas pelas superstições, e que sua liberação da sujeição mental em que ela os mantém levaria à sua precipitação em uma desenfreada dissipação, libertinagem e ruína definitiva. O Sr. Ball enxerga claramente através da falácia de uma lógica como tal, e sabe que aqueles que a utilizam fazem isto para ganhar um fundamento moral sobre o qual se apoiar enquanto coletam suas taxas dos pobres, que não conhecem nada melhor do que pagá-las. Podemos imaginá-lo respondendo com uma perdoável indignação: “Patifes astutos, vocês sabem muito bem que é a sua Igreja que satura as pessoas com superstições, e que justificar a sua existência com base na superstição é colocar a carroça na frente do cavalo e assumir o próprio argumento em disputa”.





Agora, nós, Anarquistas, somos abolicionistas políticos. Nós realmente desejamos a abolição do Estado. Nossa posição nesta questão é paralela em muitos aspectos àquelas dos abolicionistas da Igreja e da escravidão. Mas neste caso o Sr. Ball – para sua desonra, que seja dito – toma o lado dos tiranos contra os abolicionistas, e levanta a exclamação tão frequentemente levantada contra ele: o Estado é necessário para manter ladrões e assassinos dominados, e, se não fosse pelo Estado, nós seríamos todos estrangulados nas ruas e teríamos nossas gargantas cortadas em nossas camas. Já que o Sr. Ball enxergou através dos sofismas de seus oponentes, nós todos enxergamos através do seu, precisamente similar aos dos outros, apesar de sabermos que não ele, mas os capitalistas usam-no para cegar as pessoas frente o verdadeiro objeto da instituição através do qual eles são capazes de extorquir do trabalho a maior parte de seus produtos. Nós lhe respondemos assim como ele respondeu aos outros, e sem nenhuma paciência: você não consegue ver que é o Estado que cria as condições que fazem nascer ladrões e assassinos, e que justificar sua existência com base na preponderância do roubo e do assassinato é um processo lógico tão absurdo quanto aqueles utilizados para derrotar seus esforços para abolir a escravidão e a Igreja?

Então, de uma vez por todas, nós não somos contra a punição de ladrões e assassinos; nós somos contra a sua fabricação. Exatamente aqui o Sr. Ball deve nos atacar ou não atacar em absoluto.

Os responsáveis pelas plataformas de partidos políticos, os escritores dos editoriais de jornais, os amassadores de almofadas de púlpito e os oradores de comícios, que agora unem suas vozes em um coro frenético para proclamar a origem estrangeira do mal e defender, portanto, a exclusão





do elemento estranho do solo americano, deveriam estudar os números do décimo recenseamento compilados pelo reverendo Frederick Howard Wines e por ele apresentados ao congresso da Associação Nacional de Prisões, recentemente realizado em Boston. Os pensadores que se alimentam de frenesi devem encontrar nestas estatísticas alimento para o raciocínio. A partir delas parece que, apesar da proporção de crime entre a população nascida no exterior ser ainda bem mais alta do que a da nossa população nativa, a proporção anterior, que em 1850 era mais de cinco vezes mais alta que a última, em 1880 era menos de duas vezes maior. E parece ainda que, se considerados somente crimes contra pessoas e propriedade, as duas proporções estão quase no mesmo nível, e que a proporção de criminosos estrangeiros tende a exceder aquela dos criminosos nativos à medida que o catálogo dos “crimes” é estendido para cobrir as chamadas ofensas contra a moral pública, a política pública e a sociedade. Em outras palavras, o percentual de nativos que roubam, prejudicam, queimam, assaltam, sequestram, estupram e matam é quase tão grande quanto o percentual de estrangeiros de tendências similarmente invasivas, e o percentual de estrangeiros que não cumprem a lei excede o dos nativos que não cumprem a lei somente porque os estrangeiros estão menos dispostos que os nativos a obedecer àquelas leis que dizem que as pessoas não devem beber isto ou comer aquilo ou fumar aquilo outro; que eles não devem amar a não ser sob formas e condições prescritas; que eles não devem dispor-se ou expor-se a não ser como seus governantes determinam; que eles não devem trabalhar ou divertir-se no domingo ou blasfemar o nome do Senhor; que eles não devem jogar ou dizer palavrões; e que eles não devem enviar, possuir ou ler literatura obscena exceto a Bí-





blia. Isto quer dizer, novamente, que pessoas que por acaso nasceram na Europa não estão mais determinados a invadir seus iguais do que as pessoas que por acaso nasceram na América, mas que os últimos estão muito mais dispostos a serem invadidos e esmagados do que qualquer outro povo na terra. O que conta bastante em favor dos estrangeiros, na opinião da *Liberty*, e faz com que seja importante para nossa própria liberdade e nosso bem-estar fazer todo o possível para encorajar a imigração.

Mas, dizem os estridentes, estes estrangeiros são Anarquistas e Socialistas. Bem, há alguma verdade nisso; como regra geral, quanto melhor o povo for, mais Anarquistas e Socialistas serão encontrados entre eles. Isto também é um fato que o décimo recenseamento prova.

Agora, em qual classe de estrangeiros neste país os Anarquistas e Socialistas aparecem mais? Certamente não entre os chineses ou os irlandeses ou os cubanos ou os espanhóis ou os italianos ou os australianos ou os escoceses ou os franceses ou os ingleses ou os canadenses. Mas estes são os únicos estrangeiros com exceção dos russos que aparecem, no que diz respeito à criminalidade, de forma pior que os americanos nativos. Para achar neste país um número considerável de Anarquistas e Socialistas de origem estrangeira devemos nos dirigir aos russos, alemães, poloneses, húngaros, bávaros. As estatísticas mostram, entretanto, que os russos são quase tão disciplinados quanto os americanos, os alemães são tão disciplinados, os poloneses mais disciplinados, e os húngaros e bávaros mais de duas vezes mais disciplinados.

Moral: Se os defensores do privilégio desejam excluir deste país os oponentes do privilégio, eles deveriam fazer





verve

Anarquismo e crime

com que o Congresso omitisse a realização do décimo primeiro recenseamento. Pois o décimo primeiro recenseamento, se for realizado, sem dúvida enfatizará estas duas lições do décimo: primeiro, que a imigração estrangeira não aumenta a desonestidade e a violência entre nós, mas aumenta o amor pela liberdade; segundo, que a população do mundo está gradualmente se dividindo em duas classes, Anarquistas e criminosos.

Tradução do inglês por Maria Brant.





Resumo

Em um breve ensaio, publicado no seu jornal Liberty, Benjamin Tucker responde a um certo Sr. Ball sobre a suposta relação entre anarquismo e crime. Tucker argumenta que, pelo combate ao Estado e ao regime da propriedade, o anarquismo visa livrar a sociedade desses dois fabricantes de assassinos e ladrões. Assim, anarquismo não seria sinônimo de caos e crime, mas exatamente o oposto.

Palavras-chave: anarquismo, crime, liberdade.

Abstract

This brief essay is Benjamin Tucker's answer to an article by a certain Mr. Ball about the supposed relationship between Anarchism and crime. Tucker exposes that by combating the State and the property regime, Anarchism aims to free society from those two assassins and robbers makers. Thou, Anarchism would not be a synonym of chaos and crime, but quite the opposite.

Keywords: Anarchism, crime, liberty.

Recebido em 14 de agosto de 2012. Confirmado para publicação em 17 de setembro de 2012.

